

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ LINGUAGENS

Ana Paula Nobre da Cunha¹
Claudia Lorena Fonseca²
Elizabeth Martínez Buenabad³

A edição da Revista Caderno de Letras que ora apresentamos: *Dossiê Linguagens*, configura-se em um aporte que congrega múltiplas vertentes dentro do amplo campo dos estudos que têm a linguagem como matéria, vertente sempre. Vertente como são os tempos que vivemos, o que não podemos ou conseguimos desconsiderar em cada palavra ou gesto ou pensamento ou ação. É um tempo de muitas indagações. A reflexão se faz mais que nunca necessária e urgente. A linguagem é caminho. Seguimos.

Nesse sentido, começamos nossa leitura tendo por foco os estudos literários e a investigação que se faz hoje em América Latina, contemplados no primeiro bloco de textos, reunidos por afinidade temática, propiciando uma leitura que privilegia um encadeamento de ideias e sentidos, um desenvolvimento do pensar questões relativas sobretudo ao nosso espaço latino-americano, àquilo que no campo das humanidades nos diz respeito de maneira mais específica. Os temas em destaque no primeiro grupo desse bloco de textos são o fantástico, a fantasia, a ficção científica, como aponta já o primeiro estudo, *O fantástico na literatura: contos medievais e oitocentistas*, de Manoel Francisco Guaranha, Alzira Lobo de Arruda Campos e Álvaro Cardoso Gomes, no qual os autores buscam, a partir de um enfoque interdisciplinar, “definir o papel desempenhado pela literatura e pela história na grande aventura de se compreender o homem em suas incursões no mundo real e no imaginário, registradas em contos categorizados como “fantásticos””. Para tanto, se valem de contos medievais, destinados a cumprir funções sociais de alto valor operatório para os camponeses, além de um segundo grupo de contos, a antologia de contos fantásticos do século XIX organizada por Ítalo Calvino. Segundo os autores, seu estudo pretende surpreender, na trama narrativa desses contos, a realidade e o fantástico de personagens, além das circunstâncias e visões culturais da época em que foram produzidos. “Ao comparar narrativas criadas por camponeses pobres a outras

¹ Doutora em Educação pelo Curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com estágio na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal. Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal. Membro do Grupo de estudos sobre a aquisição da linguagem escrita-GEALE.

² Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS. Professora Adjunta do Centro de Letras e Comunicação e do programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas-UFPel.

³ Doctora en Antropología por el Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), México. Profesora Investigadora del Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades "Alfonso Vélaz Pliego" de la Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, México.

produzidas por literatos integrantes da média burguesia, procuramos contribuir para o entendimento das condições de produção entre ambos os blocos e das circunstâncias histórico-sociais que uniram o fantástico camponês ao fantástico urbano das sociedades pós-industriais.”

Identidade e ficção científica: uma análise da personagem Viúva no conto O carioca (1960), de Dinah Silveira de Queiróz, segundo artigo que apresentamos, incursiona pelo universo da ficção científica, nele, Naiara Sales Araújo Santos e Jucélia de Oliveira Martins, discutem a presença de tecnofobia ou tecnofilia nas palavras e atitudes da personagem *viúva*, no referido conto. Para as autoras, “a tecnofobia vai bem além do mero medo desmotivado pela tecnologia, ela é um discurso que constrói uma imagem negativa sobre a tecnologia, consolidando-se através de acontecimentos históricos”. Na sequência, Paulo Eduardo Benites de Moraes e Milena Karine de Souza Wanderley nos trazem *A resignificação do Rubái em Micheliny Verunschik*. Sua proposta é discutir a resignificação do *rubái*, gênero poético consagrado pelo poeta persa Omar Khayám, na obra da autora pernambucana. Os autores se propõem a “demonstrar que, para além da intertextualidade com o erotismo do poeta persa, a recriação de Verunschik dá ênfase à subjetividade e à intimidade. Neste sentido, ampliam-se os sentidos possíveis de leitura e esta nova resignificação cria um discurso literário dissonante.” Fechando o grupo temático, *Realidade, fantasia e escrita literária na narrativa Der einsiedler Serapion, de E. T. A. Hoffmann*, de Beatriz Terrier Stervid, no qual a autora pretende analisar “em que medida é possível considerar essa narrativa uma reflexão sobre a escrita literária, na qual se colocam em discussão os limites entre realidade e fantasia e, com isso, as relações entre literatura e conhecimento (*Erkenntnis*), de forma a participar da discussão epistemológica da época.” De acordo com Stervid, com a formulação do “princípio serapiôntico”, a partir dessa narrativa, E. T. A. Hoffmann estabelece diretrizes formais para sua prática literária que podem ser notadas em grande parte de sua obra.

Seguem em destaque os estudos literários, agora com foco nas poéticas contemporâneas e as possibilidades discursivas proporcionadas pelas novas mídias e formas de expressão, que nos permitem pensar o literário a partir de outra mirada. Assim, *Des + equilibr + ista (s): a poética e o signo linguístico*, de Adriane Ester Hoffmann e Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli, no qual as autoras, a partir dos pressupostos de Saussure, Benveniste, Jakobson e Merquior, discorrem sobre a obra *Desequilibristas*, de Manu Malteaz, objetivando “analisar a poética contemporânea do artista e escritor, desvelando o universo do skate”. André Winter Noble, por sua vez, nos traz em *Do caos à coisa: notas a um ensaio constelar*, um interessante trabalho de investigação em que parte de uma aproximação vocabular ou mesmo um trocadilho com as palavras Caô e Caos, valendo-se de relações estabelecidas com autores como Ovídio, ou matemáticos como Henri Poincaré e Edward Lorenz - autores da Teoria do Caos, além de Jacques Lacan, Deleuze e Guattari. Na sequência, Ingrid Lara de Araújo Utzig se dedica ao folhetim em suas formas contemporâneas, em *Da série ao ciber: o folhetim transmídia Desapaixonante, de Marvin Cross*, tendo por objetivo analisar a obra do autor maranhense. A partir dos pressupostos de Canclini sobre a estética da iminência e da perspectiva pós-autônoma da arte, em conjunto com a cultura da convergência defendida por Jenkins e a discussão a respeito da intermedialidade tratada por Clüver, o estudo dá conta dos “percursos traçados por Marvin para a consolidação de um público leitor fiel de uma narrativa *on-line* fragmentada e as estratégias por ele usadas até a

publicação impressa”. Já em *Poesia feminina: considerações sobre o slam na cultura contemporânea*, Lovani Volmer, Daniel Conte e Suzana da Silva Souza, amparados pelas teorias de Bachelard, Candido, Cassirer e Zumthor, abordam a relação entre poesia e protagonismo feminino a partir da discussão sobre o recente movimento sociocultural denominado *Slam*, destacando “os elementos fundamentais que compõem o referido movimento e que o articulam à contemporaneidade, enfocando seu papel na valorização do processo de autoria das mulheres poetas e no desvelamento de vozes historicamente estabilizadas à margem da sociedade”.

A utilização do pseudônimo como forma de valorização do dizer e favorecimento de questões ideológicas de forma paratópica é o tema do estudo que nos trazem Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira e Jarbas Vargas Nascimento, *Autoria e autoralidade: o movimento paratópico de um pseudônimo*, cujo objetivo é demonstrar como a autoria pode ser sustentada paratopicamente com a utilização de um pseudônimo. Nesse sentido, valem-se dos pressupostos da Análise do Discurso (AD) de Linha Francesa na obra de Maingueneau, aplicando-a “na obra de José do Nascimento de Moraes, quando da utilização de seu pseudônimo Valério Santiago na obra *Puxos e Repuxos* (1910) como ponto de partida para reflexões futuras sobre autoria e AD com relação a pseudônimos”. Na sequência, Maria Alice Ribeiro Gabriel, em “*Ressonâncias antigas*”: *pregões de rua em baú de ossos*, aborda a obra memorialística de Pedro Nava, propondo-se a responder a questão: “A historiografia cultural e a história literária podem fazer da escrita memorialística fonte de saber?” Para tanto, segundo uma perspectiva histórica e literária, debruça-se sobre a questão dos vendedores de rua em *Baú de Ossos*, para “analisar o prego e a imagem dessas personagens entendidos no sentido de objeto cultural no espaço social da cidade do Rio de Janeiro, entre os séculos XIX e XX”. Fechando o bloco dos estudos com vínculo mais estreito com o literário, Leticia Raiane dos Santos contempla o tema das novelas de cavalaria lusitanas em *O Estatuto das novelas de cavalaria lusitanas do século XVI em historiografias da literatura portuguesa*. Segundo a autora, não obstante a longa permanência do gênero em Portugal, são poucos os estudos teóricos que se fazem no âmbito dos estudos literários em língua portuguesa, tendo em vista os aspectos que o caracterizam e o lugar que ocupa na historiografia literária da literatura portuguesa. E é esse o principal objetivo do estudo, entender, a partir de uma análise comparativa entre historiografias de distintos autores do século XX, “qual era o espaço reservado pelos historiadores da literatura para a novela de cavalaria no século XVI frente às demais manifestações literárias do período”.

Os estudos de tradução estão contemplados no primeiro texto do seguinte bloco, os quais guardam certa heterogeneidade. Trata-se do estudo *Lectura y traducción literaria: desafíos en la formación de traductores*, de Dolores Aicega, no qual a autora explora os distintos desafios que apresenta a leitura para a tradução literária aos estudantes do tradutorado público de uma universidade nacional argentina”. Considera, para tanto, aportes dos estudos sobre a compreensão de textos e da tradutologia, e aportes da perspectiva bakhtiniana na abordagem dos textos e da tradução literária. O segundo estudo desse bloco, *Importancia de la etnografía educativa en contextos multiculturales. Niñez indígena migrante en la ciudad de Puebla, México*, de Elizabeth Martínez Buenabad, María Andrea Vázquez Ahumada, dialoga com o estudo anterior no sentido de proporcionar um deslocamento de nossa mirada, adentrando outros espaços de

nossa América. No entanto, aqui o foco da investigação é a “identificação e estudo dos problemas em salas de aula multiculturais, produto das migrações do campo à cidade, tanto em aspectos socioculturais como em habilidades letradas” em uma escola primária bilingue de Puebla, México, tendo por objetivo de dar visibilidade à diversidade étnica e cultural e a relevância da etnografia educativa como metodologia de investigação para o conhecimento das realidades sociais. Na sequência, em *Literaturas indígenas, etnotexto y oralituras: un corpus em constante redefinición*, de Camilo Alejandro Vargas-Pardo, o foco são as literaturas indígenas e seu lugar na historiografia literária latino-americana. Em seu estudo, o autor se dedica, a partir de três enfoques críticos, a destacar as particularidades de cada uma dessas teorias buscando o desenvolvimento de uma historiografia literária mais inclusiva, considerando “a diversidade em que se manifesta a ‘palavra’ em uma dimensão estética e cultural neste continente e em particular na Colômbia”. Para tanto, se dedica à aparição de expressões estéticas verbais dos povos originários e ao imaginário sobre o ‘indígena’ no panorama literário colombiano. Ainda considerando os temas relativos à América Latina, e fechando o bloco, seguimos no campo dos estudos literários, agora em uma abordagem que põe em relação mais estreita a literatura e a história, com o estudo de Daniel Machado Bruno; André Natã Mello Botton, *No labirinto da dependência a caminho da autonomia: considerações “desviantes” sobre a historiografia literária da América latina entre identidades e deslocamentos*. A partir da questão que se colocam os autores: “Como passarmos, portanto, da crítica da condição sociocultural à escrita *desviante* de uma história híbrida, heterogênea e singular?”, propõem-se a explorar “a historiografia literária da América Latina (AL) sob uma perspectiva crítica que supõe, por hipótese, a recorrência do uso de dicotomias como elemento que permeia e constrange a formação discursiva tecida na escrita da história do continente”.

O espaço latino-americano, multicultural e multilíngue é o tema que, ao mesmo tempo em que dialoga com os estudos precedentes, dá unidade ao terceiro bloco de textos desta edição, vinculados ao campo dos estudos linguísticos. Assim, começamos com a contribuição de João Colares da Mota Neto e Gabriela Costa Favali, com seu estudo, *A soberania idiomática na América Latina: contextos de resistência*, que traz à discussão questões relativas aos processos de colonização do continente marcados pela imposição linguística, “ocasionando a perda de identidade por parte dos povos originários locais e a subordinação linguística que perdura nos tempos atuais”. Nesse sentido, por meio de um estudo bibliográfico, e considerando os aportes teóricos de Walsh e Brandão, Lagares e Parera, além de Garcia, Guimarães e Medeiros, os autores se dedicam a um debate sobre “as resistências e movimentos, como o Manifesto pela Soberania Idiomática de 2005 e os posicionamentos independentistas do idioma no Brasil, no início do século XIX e o mais recente Acordo Ortográfico de 1990”. Em diálogo com esse estudo, segue-se *Do bilinguismo ao multilinguismo: um caminho para a escola indígena brasileira*, de Antonio Almir Silva Gomes, Josinete de Oliveira Barbosa e Iohana Victória Barbosa Ferreira. Com foco no ensino de línguas indígenas em escolas indígenas brasileiras, e utilizando-se do contexto multilíngue inerente à língua Aparaí (Karíb), os autores têm por objetivo tratar de possibilidades de ensino dessas línguas que ultrapassem práticas metalinguísticas e, ao mesmo tempo, apontar para a necessidade de que esse ensino considere o contexto linguístico local e regional, abandonando “o conceito de bilinguismo, no qual estão presentes a Língua Indígena e

o Português Brasileiro, em favor do conceito de multilinguismo, onde estão presentes e valorizadas as inúmeras línguas indígenas”. O tema das línguas indígenas em contexto de América Latina está presente também no estudo de Romario Duarte Sanches, *Dialetologia contatual: variação lexical do português e do Kheuól na área indígena dos Karipuna do Amapá*, que se dedica a mostrar, a partir do modelo de Dialetologia Pluridimensional e Contatual (ALTENHOFEN; THUN, 2016), como suporte metodológico, a configuração da variação lexical do Português e do Kheuól, variedades faladas por indígenas da etnia Karipuna do Amapá. Mudando o enfoque, mas ainda em diálogo com os estudos que o precedem, Patrícia Graciela da Rocha em *Multilinguismo e “bullying” linguístico em escolas da fronteira Brasil/Paraguai: aspectos sociolinguísticos*, realiza seu estudo na fronteira entre Brasil e Paraguai com os objetivos de “identificar as línguas que circulam na cidade de Porto Murtinho - MS e verificar possíveis atitudes linguísticas negativas/bullying linguístico diante da(s) língua(s) e/ou das variedades faladas naquele lugar”. Para tanto, se vale dos pressupostos teóricos e metodológicos da sociolinguística.

Construções verbais com pronome clítico na escrita em português de estudantes de origem boliviana. Aspectos sintáticos e discursivos, de Renie Robim e Adrián Pablo Fanjul, o estudo que se segue, constitui-se também em um trabalho de pesquisa, neste caso, desenvolvida sobre a produção escrita, em português, de alunos bolivianos ou filhos de bolivianos da rede municipal de ensino de São Paulo, cujos resultados se espera possam contribuir “para o conhecimento sobre a aquisição de português por imigrantes bolivianos e por hispano-falantes em geral, e também para os estudos que comparam o funcionamento do português e do espanhol em diferentes níveis de observação, incluindo o discursivo”. Fernanda Tavares Cabral e Adriana Tavares Mauricio Lessa nos trazem *Content and language integrated learning toward proficiency: na analysis of its potential in a public bilingual education programme in Rio de Janeiro*, estudo no qual tratam da Aprendizagem Integrada de Conteúdo e Língua (conhecida como CLIL, do inglês), abordagem que, nas palavras das autoras, vem sendo adotada em vários países por todo o mundo, principalmente como uma estratégia para receber imigrantes inseridos em contextos escolares estrangeiros e que, no Brasil, tem sido adaptada e implementada com diferentes propósitos, como um programa de imersão para estudantes nativos. Considerando a pouca informação a respeito da adaptação dessa abordagem, sobretudo na esfera pública, trata-se, aqui, de investigar o CLIL como uma metodologia de ensino de inglês no Brasil, em uma escola pública do Rio de Janeiro, buscando responder “se a integração entre ensino de linguagem e de conteúdo pode ser considerada como um fator relevante para a proficiência dos alunos e quais outros aspectos pedagógicos do programa bilíngue podem ser considerados como significativos para o processo de aprendizado”.

Seguindo com foco nos estudos linguísticos, uma mirada sobre as estruturas da língua chinesa, no estudo que aporta Chunyuan Wang: *Não existe estrutura relativa em chinês?*, no qual o autor se dedica a responder a questão que se coloca. Segundo Wang, a gramática tradicional propõe que não existe, como há em português e em inglês, a estrutura relativa em chinês. Analisando diferentes concepções e posicionamentos, o estudo tem por objetivo preencher lacunas, examinando “as evidências contra os dados linguísticos concretos em chinês para corroborar que existe estrutura relativa em chinês que é uma estrutura atributiva verbal tratada

por gramática tradicional e é resultado de movimento”.

Por fim, fechando nossa edição, tratamos das *Dificuldades na aquisição de língua estrangeira: algumas questões sobre o caso de uma imigrante brasileira nos Estados Unidos*, de Elisabeth Cavalcanti Coelho, Maria de Fátima Vilar de Melo e Glória Maria Monteiro de Carvalho, artigo oriundo de um estudo de caso que, segundo as autoras, investigou a relação conflituosa de uma brasileira imigrante com a língua inglesa, oficial do país adotado. Nesse sentido, o artigo “visa discutir questões concernentes às incidências do medo da separação da língua materna sobre o processo de se tornar falante em uma língua estrangeira em situação de imersão”, a partir de fundamentos teóricos de trabalhos realizados nos campos da psicanálise e da linguística cujos autores, em sua maioria, consideram a interface entre a linguística e a psicanálise.

Agradecemos aos colaboradores, autores dos mais diversos pontos de nossa América Latina, oriundos de instituições representativas do pensamento latinoamericano, os quais possibilitaram esse diálogo. Uma boa leitura a todos.